



ENTREVISTA

**“Mulher trans, preta,
brasileira e de periferia:”
entrevista com Mãe Barbarah**

Nelson Lellis, *Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes-RJ, Brasil; Faculdade Unida de Vitória, Vitória-ES, Brasil.*

Apresentação

Ialorixá Barbarah é responsável por uma Igbasé (trata-se de um espaço religioso de candomblé, também referido como “casa” ou “casa de axé”) no município de Serra, no Espírito Santo. A entrevista semiestruturada foi realizada via *Google Meet* no dia 16 de junho de 2025 com duração de cerca de 1 hora. Após a divulgação dos dados preliminares do Censo 2022 sobre religião, observamos importantes análises sobre o aumento mais lento de evangélicos e a queda de católicos; alguns outros textos abordaram o crescimento da umbanda e do candomblé.

Mãe Barbarah apresenta-se como uma figura de profunda complexidade socioantropológica, cuja trajetória reflete as intersecções de classe, raça e gênero no Brasil contemporâneo. Autodefinida como mulher trans, preta, oriunda da periferia e atual Ialorixá de uma Igbasé no município da Serra, no Espírito Santo, a sua história é marcada por um intenso trânsito religioso e social. Tendo crescido em um ambiente evangélico pentecostal pautado por aquilo que descreve como “machismo” e pela violência familiar, viu-se forçada a romper com esse universo para assumir a sua identidade, enfrentando a marginalização e a prostituição como via de sobrevivência antes de encontrar amparo e reestruturação da identidade no candomblé. Distanciando-se de estereótipos, possui uma atuação plural: não retira o seu sustento da fé, é assistente social, historiadora, artista e ex-gestora de Igualdade de Gênero no governo estadual. Antropologicamente, destaca-se pela sua forte agência

comunitária, transformando o seu espaço religioso em um polo de assistência social – visível no apoio a vulneráveis e na liderança do projeto de capacitação “Emprega Trans” – e atuando como uma força de reforma interna que combate a transfobia e o machismo nas tradições de matriz africana. A sua narrativa convida o leitor, portanto, a conhecer uma vivência de resistência que converteu a exclusão em políticas ativas de acolhimento e em uma teologia inclusiva.

O conteúdo da entrevista traz elementos que ajudam a discutir: a) identidade; b) religião enquanto espaço de intolerância e acolhimento; c) desemprego e prostituição de pessoas trans; d) candomblé: crescimento e demografia; e) intolerância religiosa; f) desmistificação; g) religião e projetos sociais; h) butinagem religiosa.

Imagem 1: Yalorixá Barbarah t'Yemanjá



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah)

Lellis: Como as pessoas conhecem você?

Barbarah: Tenho o posto de Ialorixá no candomblé, popularmente falando: *mãe de santo*, mas no candomblé a gente usa o termo Ialorixá.

Lellis: A Igbasé (Imagem 2) é aberta para todas as pessoas ou tem reunião restrita?

Barbarah: Acho que todo o axé tem os momentos de porta aberta, os momentos de doutrina interna, que é o que a gente trabalha com os filhos da casa, mas a casa, por ela oferecer também muito trabalho social com a comunidade, ela está sempre aberta às pessoas. As pessoas

chegam, procuram por diversos motivos, religiosos ou sociais, mas a casa está sempre aberta.

Imagem 2: Igbasé



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah)

Lellis: Poderia mencionar algum tipo de trabalho social?

Barbarah: A gente tem um trabalho que ajuda um pouco na situação alimentar. Tem um cadastro de pessoas que já são cadastradas da comunidade, que a gente sabe que sempre vai estar atendendo. Dependendo do movimento que a gente está fazendo, a gente vai agregando mais pessoas. Na área de ajuda alimentar, a gente faz aqui um momento de entrega de cestas básicas (Imagens 3 e 4). Às vezes, a gente faz parceria para ajuda jurídica, também a questão da saúde. Agora, um tempinho atrás, a gente fez um momento de exame de vista gratuito (Imagem 5) para a comunidade. Então, a gente vai agregando esses projetos. Tem um outro projeto que eu dirijo: *Emprega Trans*. A gente faz uma captação de vagas com as empresas e temos pessoas trans cadastradas. Nessa parceria com a empresa, a gente tenta capacitar essas pessoas trans e colocá-las nas vagas de emprego. A gente sabe que uma pessoa trans, às vezes com a escolaridade de nível fundamental incompleto vai ter a dificuldade de ter o primeiro emprego, vai ter a

dificuldade de chegar com currículo e ter ali uma vaga. São projetos assim que a gente vem trazendo pra comunidade e abrindo e ajudando a comunidade. Fora as feiras. A gente faz programação de Páscoa para as crianças, de Dia das Crianças. A gente sempre tenta estar em sintonia e atuante dentro dessa comunidade.

Imagem 3 e Imagem 4
(Entrega de cestas básicas)



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah)

Imagem 5: Exames de vista



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah)

Lellis: É interessante essa programação de Páscoa, porque não é um evento tradicional do candomblé. Como é que você equaciona isso? Como é que você faz essa ponte?

Barbarah: Quando a gente é uma casa, que a gente se abre para o social, a gente tem de lembrar que a gente não pode levar o religioso ao pé da letra, porque as pessoas que vão acessar a casa às vezes não são nem religiosas. Ou a gente atende pessoas que nem gostam do candomblé, mas elas vão pelos serviços prestados. A gente ajuda até igrejas evangélicas; tem pastora que vem me pedir ajuda. A gente olha mais o social da situação. Eu acho isso importante: você abraçar as pessoas independentemente de gênero, de raça, de cor, de religião. Quando você está ali na assistência social, fazendo social, a gente não olha essas coisas. Então, aí a gente vê que a Páscoa é do calendário católico, né? Mas a intenção que tem por trás é chegar até as crianças (Imagem 6). Trazer alegria para as crianças, tirando a questão religiosa. A gente faz pelo bem comum.

Imagem 6: Festa da Páscoa



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah)

Lellis: E quem ajuda a compor esses projetos? São os próprios membros da casa ou vocês também possuem participação externa?

Barbarah: A maioria dos projetos é próprio. Eu também movimento algumas ações sociais que já vinha trazendo desde antes do axé. Sou assistente social, então, trabalhei um pouco nessa área. A gente tem um canal, uma ajuda do governo ou às vezes da prefeitura. Mas tem os projetos que não têm esta ajuda. Às vezes, muitos dos projetos relacionados à saúde, exame jurídico, essas coisas, a gente tem parceria com a OAB; eles vêm nos dar uma força. Mas também tem muitos projetos que são de punho próprio, força própria, que a gente coloca, que a gente acredita nos resultados e a gente mesmo traz aqui, com a ajuda dos filhos, com a ajuda dos membros da casa e a gente vai tocando assim.

Lellis: Como foi a sua inserção no candomblé? No caso, você veio de outro segmento religioso?

Barbarah: Fui uma criança e uma adolescente que viveu na igreja evangélica. Ali eu cresci. Eu gostava de estar ali. Ali eu tive uma doutrina dentro da questão da visão evangélica, até chegar a um ponto da minha vida... No final da minha adolescência, alguma coisa aconteceu na minha vida ou na minha mente e me fez enxergar que eu era uma pessoa diferente. No meu caso, eu era uma pessoa diferente e o mundo em que eu vivia não aceitaria a pessoa que eu era. Eu tive de ter escolhas, tinha

vontade de ser eu, de me sentir viva, de ter uma vida que a religião não me permitia. A partir desse momento, eu me desvinculei da igreja, foi quando eu tive o meu processo de aceitação com a família, com o mundo, com o universo, com tudo aquilo que me envolvia. Foi uma mudança muito grande para mim. E, nesse mesmo período, eu conheci uma pessoa que era Babalorixá. Ele se tornou meu amigo, ele me abraçou, ele me acolheu. E quando a gente está nesse período de mudança, de ter medo... Agora, como vai ser quando alguém acolhe, alguém abraça. Você se sente bem, né? Isso ampara. Eu me senti amparada ali pela amizade desse Babalorixá. Fui conhecendo um pouco do que é candomblé. Ele também era uma pessoa que estava abrindo a casa dele há pouco tempo. Então, eu cheguei lá no início de um processo de uma casa de axé e fui aprendendo as coisas. A partir daí, eu saí de um universo evangélico e já caí de cara no universo de matriz africana ali do candomblé e fui seguindo. A partir dali, sete anos frequentando essa casa. No sétimo ano, eu me iniciei para o orixá. De lá para cá, a gente tem uns processos dentro da religião. E muitos anos à frente eu me tornei a Ialorixá. Quando falo assim, de antes do meu axé estar aberto, porque eu era uma filha de santo que participava do axé do meu Babalorixá, mas a vida me levou a abrir o meu próprio axé, uma filial, uma extensão daquilo, mas antes disso eu fazia alguns trabalhos sociais que hoje a gente desenvolve em um axé que a gente tem aqui, que é um espaço que dá para trabalhar. É um espaço aberto, é um espaço onde a comunidade conhece, é uma referência. Costumo falar para os meus filhos: “Vocês são pontes”. Por quê? Porque, muitas vezes, as pessoas precisam de um abraço, elas precisam de um conselho, elas precisam de um contato ali com alguma fé e as pessoas são pontes disso, como o meu Babalorixá. Eu conheci o pai de santo diretamente. Isso facilitou, mas, muitas vezes, as pessoas são pontes que trazem as pessoas ali para aquele local, para aquela fé. E aí o espiritual trabalha. É assim e é bom para a vida das pessoas. O candomblé foi ótimo para mim. Eu acho que criei ou foi criado um bom caráter religioso para mim. E eu sou grata.

Lellis: Você era de qual denominação evangélica?

Barbarah: A igreja se chamava Igreja Evangélica Missionária Pentecostal. Hoje existem milhões de nomes, né? Todo dia nasce um nome novo de igreja, né? Antigamente era um pouco restrito: Assembleia de Deus, Adventista, Batista... De uma dessas denominações. Hoje, são milhares.

Lellis: Você falou sobre a questão do mundo e a sua maneira de ser no mundo; que enquanto ser humano, enquanto pessoa, não via aquele mundo evangélico como possível; o ser que não cabia dentro da religião. E aí você mencionou a questão do encontro com a sua família. Qual é a relação disso?

Barbarah: Sou uma mulher trans, uma Ialorixá, sou uma mulher. Eu costumo, quando vou me apresentar, eu digo: “Eu sou uma mulher trans, preta, brasileira e de periferia”. Quando eu falo isso, eu quero dizer o quê? A minha raiz, a minha essência... estou falando disso. Sou uma mulher trans de ação, de vida, de costume. O pastor falava: “Isso é uma anomalia”. Quando eu saí da igreja e eles viram o porquê e eu expus, o pastor disse para mim: “Isso é uma anomalia”. Eu era algo fora do comum para eles, era algo psicológico, era uma doença, era qualquer coisa, era anormal. E eu precisava me cuidar, eu precisava que a igreja me ajudasse a me curar. Eu não via dessa forma, porque desde que me entendo por gente, eu sei que sou diferente. Às vezes, a gente reluta para ver assim. Será que Deus vai realmente me mudar? Será que Deus pode fazer eu não pensar dessa forma que eu penso? Então, a gente vai perdurando ali até o momento em que a gente vê: “Não. Não tem como. Eu sou assim e não tem como. Não tem como eu transformar uma goiaba em uma manga. Nunca vai ser manga. Nasceu goiaba, ela vai morrer goiaba. E aí a gente tem de compreender, às vezes, isso. Sou uma mulher trans que, nesse momento em que abandonei a igreja, em que tinha um estilo de vida, tive um pai muito preconceituoso. Cresci ouvindo meu pai falar que se visse alguma coisa estranha em relação a mim, que não fosse uma atitude de menino... Ele ia me levar para o fundo do quintal e dar muito tiro na minha cabeça. E ele tinha três armas. Ia convidar os vizinhos para assistir como se fosse um show. Ia ter plateia e tudo e aí ele ia me assassinar dessa forma. Cresci com esses medos, com essas ameaças. Por isso que, às vezes, falo que você ter pessoas para abraçar você, para amparar, é importante. Eu era uma pessoa que não tinha muitos amigos. Os meus amigos eram da igreja, porque ali era o meu universo. A partir do momento que abandono a igreja para viver uma coisa que a igreja não apoia, já não teria mais amigos. E como assim foi, eu era uma pessoa sozinha no mundo. Graças a Deus, a minha mãe um pouco me entendeu, talvez não me aceitou, mas me entendeu. E coincidiu que meu pai, nessa época, teve um câncer no pulmão. Ele não tinha forças para tentar lutar contra mim. Embora até no hospital com

câncer ele pedia a Deus para que ele conseguisse sobreviver para consertar os problemas da casa dele. Eu era um desses problemas que ele tinha de viver para consertar, mas, aí, ele morreu. Tive uma guerra a menos nesse processo dessa mudança toda. Mesmo que eu lamentasse a morte do meu pai. A partir daí, fui fazendo meu caminho, um pouco meio que sozinha, mas eu ainda tinha um lar. Porque o meu pai, logo que ele viu a minha mudança, a minha transformação, ele queria que a minha mãe me jogasse na rua, me mandasse embora. E isso acontece muito hoje. Teve um momento em que, quando eu consegui me estabelecer, eu comecei a abrigar colegas, amigas trans, que a família botava na rua. Então, eu tinha, às vezes, pessoas de 14 anos, de 13 anos, de 15 anos, que não tinham para onde ir. Eu falava: “Agora, vem para cá. Você não vai ficar na rua”. Comecei a abrigar

Mas, assim, nunca é fácil, né? E como você consegue um emprego? Eu tive dificuldades para isso, para conseguir dinheiro, para me manter. Eu saí da igreja, mas eu já comecei um processo de transição. As pessoas vivem ali um bom tempo como uma figura gay, e depois elas vão começar a transição delas. Não tive tanto esse tempo. Acho que já me enxerguei com uma figura feminina e eu aproveitei esse momento de escancarar a porta para fazer bem feito, entendeu? Então, eu já fui tomar um momento de transição, já fui começar a tomar hormônio, remédio, já fui fazendo esse tipo de coisa. E, muitas vezes, quando a gente não tem emprego, ajuda, nem nada disso, as pessoas trans migram até para a prostituição. Porque ali é mais fácil, né? É um caminho um pouco mais fácil de você se virar, né? E não foi diferente comigo. Eu passei por isso também.

Lellis: Você vive hoje do apoio da própria Casa? Você consegue se sustentar pela Casa ou tem uma outra atividade também?

Barbarah: Dificilmente. Eu não acredito que deva ser assim. Religião é religião e trabalho é trabalho. Já fui professora, carnavalesca de escola de samba por 18 anos. Eu fiz carnaval em Vitória, sou historiadora, escultora, costureira, estilista, artista plástica, sou assistente social... E descobri que eu sei fazer muita coisa. Então, assim, a gente não consegue viver de religião. Religião, ela não traz frutos dessa forma para que eu sobreviva daquilo. Eu não vivo do axé. O axé, muitas vezes, nem se banca. A gente tem de buscar parcerias, buscar ajuda de fora para dentro. O axé não consegue, às vezes, se manter. Então, eu não vivo de axé. O meu último emprego de carteira assinada foi... Eu fui gerente de

uma área do Gênero dentro da Secretaria Estadual das Mulheres. Isso me levou a trabalhar na chefia de governo do Estado do Espírito Santo, onde também consegui fazer muitas políticas, dentro da Secretaria das Mulheres. Eu era gerente de Igualdade de Gênero. A partir dali, consegui fazer muita coisa que eu gosto dentro da área social. O que eu faço hoje? Eu vivo de outros trabalhos. Por exemplo, trabalho um pouco com arte (Imagem 7). Aqui estão vultos africanos que a gente faz aqui. Eu estou modelando ainda. A gente está trabalhando [mostra]. Agora, estou desempregada, mas vou fazendo trabalhos que costumo fazer para me manter. E não dependo do axé, porque o axé não traz esse lucro.

Imagem 7: Confeção e ornamentação do barco para a festividade de Yemanjá na orla de Jacaraípe



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah)

Lellis: Deixa eu retomar uma questão. Os seus pais eram da mesma igreja que você?

Barbarah: Não. Os meus pais eram pessoas de fé momentânea. O que é isto? A vida está ruim? Vamos para a igreja. A vida ficou boa? Vamos sair da igreja. Os meus pais brigavam muito e brigas feias. Briga de quebrar a casa, de quebrar as coisas. Eu e os meus irmãos crescemos em um ambiente de guerra e conflitos. Quando a coisa estava muito ruim, eles atribuíam isso a algo do mal. Tinha uma energia do mal ali e que Deus ia restabelecer. Então, eles juntavam a família e iam para a igreja. Quando tudo ficava estabelecido, tudo bem... Meu pai conseguiu um emprego, o dinheiro está entrando, está dando para equilibrar as coisas... Eles abandonavam a igreja, mas eu sentia vontade de ficar na igreja. Não queria abandonar a igreja. Então, foram essas coisas que me fizeram estar na igreja. Alguma coisa me prendia ali. A questão espiritual era

muito forte para mim. Eu queria ir para a igreja e, às vezes, eu queria ir para uma outra igreja. A minha mãe já me proibiu de ir para a igreja. Teve uma vez em que eu mudei de igreja e falei: “Mãe, aceitei Jesus”. E ela disse: “Você vai desaceitar é agora”. Então eu passei muitas coisas deste tipo. Eu queria realmente estar ali, mas minha família, não. Eu também já tive em uma igreja em que a minha família foi uma vez, parou de ir e eu continuei indo. Não fiquei nessa igreja porque eu comecei a ser maltratada pelos irmãos. Tipo assim: “Você está fazendo o que aqui? Sua família não está aqui, então não vem para cá mais, não”. É tipo assim, eu fui meio que expulsa de estar na igreja porque meu pai e minha mãe não estavam. E aí eu entendi. A falta do dízimo ali foi mais importante e a minha existência ali dentro daquele espaço não era bem-vinda. Então, eu parei de ir nessa igreja.

Lellis: Essa ética, por exemplo, do seu pai, de interpretar o que é o bem, o que é o mal; ou a tensão em relação à sua conversa, isso tem traços também da Igreja Católica?

Barbarah: As minhas tias estudaram em colégio de freira. Teve muito dessa criação católica, mas minha mãe se julga até hoje católica. A fé dela hoje me ajuda em algumas situações, mas sem estar dentro da religião. Minha mãe é costureira, então, fazemos as roupas das entidades, roupas dos espíritos com ela. Nessa parte, ela ajuda bastante. O meu pai se dizia católico, mas eu acho que era alguém que não estava muito aí para as religiões. Ele tinha a fé dele e era uma coisa muito restrita. Ele era fechado, um ser humano fechado, não se abria muito sobre os sentimentos ou os ideais dele.

Lellis: Você acha que essas ameaças feitas pelo seu pai têm um pano de fundo religioso ou seria da formação familiar dele, alguma tensão da sociedade, de prestação de conta para a sociedade?

Barbarah: Meu pai era extremamente machista: aquela criação “homem não chora”. Aquela criação que tem de ser rígida. O meu pai apanhava muito. A minha avó, quando eles saíam da linha, ela pisava no pescoço, ela quase matava. Embora o meu pai nunca nos bateu. Eu acho que ele apanhou tanto que ele falou assim: “Isso não serve para a educação dos meus filhos, porque não foi isso que me educou”. E ele era muito trabalhador também. Ele sempre nos ensinou isso, que é o trabalho que constrói o ser humano. Ele falava que a pior coisa que

existe é um preto gay. Preto não nasceu para ser gay, né? Que o branco que é o gay, entendeu? Então ele tinha essas coisas. Essa visão de machismo, esse negócio de que o preto é o trabalhador, o preto é o macho alfa. É por isso que hoje a gente luta muito, porque até dentro das religiões, a gente vê como a religião de matriz africana é uma coisa cultural. A gente vem repetindo o que os nossos antepassados vinham trazendo. Hoje, eu vejo aqui dentro da minha casa e nesse tempo que a gente vive oportunidades de trazer a cultura. Há muitas casas onde as pessoas trans não são tratadas como trans. Tem muito Babalorixá que fala o orixá... Ele reconhece você pela genital que você nasceu, com órgão masculino. Você vai ser tratado como uma pessoa masculina nos rituais. Isso existe até hoje. Na minha casa, não. Porque acredito que o espiritual é um ser inteligente. Mais do que nós. Hoje, a gente acha que nós é que ensinamos as coisas pros deuses, mas eles são os deuses. Como que eles não sabem das coisas, né? Como se tudo que a gente fosse hoje, que a gente tivesse hoje, que a gente construísse hoje, viesse desses deuses. Como a gente sabe mais do que eles? Então, assim, Deus sabe quando estou diante de Deus. Quem eu sou, por que eu estou aqui. Sempre falo assim: quando a gente está dentro de uma religião, existem duas vertentes. Existe a religião, que são as doutrinas, aquilo que o homem coloca para cultuar o sagrado. E existe a espiritualidade, que é o próprio sagrado. A espiritualidade, ela existe antes das religiões. Então, o homem criou a religião para cultuar o sagrado. Hoje, as religiões são maiores do que o sagrado, porque o que o homem determina é o que vale e não o que o orixá pensa, o que o sagrado está falando, o que o sagrado pensa. Na minha casa, pessoas trans são como elas são, porque o orixá que eu cultuo é um orixá inteligente. Eu não cultuo um Deus burro, eu não cultuo um Deus que saiba menos do que eu. E tem muito machismo também dentro do candomblé. É uma religião matriarcal criada por mulheres, onde os homens adentraram e transformaram tudo ali. Tem casas aí que o homem come o peito do frango, a mulher vai comer a carcaça do frango. Por que uma religião diminui as mulheres, sendo que as mulheres são as que procriam, é quem gesta? A mulher deveria ser ali sagrada. É aí de onde que vem essa situação de que o homem pode mais do que a mulher, de que a mulher não segura certos elementos dentro do candomblé, de que a mulher não participa de certos rituais dentro do candomblé, de que a mulher, quando está no período fértil, quando ela está menstruada, ela se torna praticamente um bicho. Ela não pode mexer com nada. Para mim, deveria ser o contrário. A mulher está em período fértil, ela sai encantada. Ela está ali num período onde ela pode

trazer mais vida para aquela comunidade. Então, por que ela é um bicho? A religião, às vezes, estraga a espiritualidade. E aqui em casa, hoje, a gente tenta... Eu tento, como Ialorixá, consertar certas situações para que as nossas gerações lá na frente, quando elas reproduzirem essa cultura que a gente há mais de 300 anos vem trazendo acolham todas as pessoas, que amem as pessoas, que realmente tragam uma boa doutrina às pessoas, que seja uma religião mais humana. Porque imagina o que eu falei para você, uma pessoa trans, uma pessoa que está ali se aflorando para o que ela é, ela já vai ter a rejeição hoje da sociedade, às vezes, da família, não vai ter amigos das religiões. Então, quem acolhe, para onde ela vai? A gente vive em um país onde a expectativa de vida de uma mulher trans é 35 anos. Nós somos o país que mais mata pessoas trans no mundo. A gente precisa consertar isso. A gente precisa de políticas que consertem. A gente precisa de uma sociedade que compreenda o espaço dessas pessoas. E, aí, o meu axé. A minha casa religiosa acolhe essas pessoas. A parte que a gente pode fazer, a gente faz.

Lellis: Você falou que pessoas de outras religiões também aparecem para poderem ser servidas. Você acha que pessoas do mundo evangélico, de onde você saiu, são as que mais aparecem para poderem pedir apoio ou não tem como mensurar isso?

Barbarah: Não. Eu não digo que são mais que aparecem, mas aparecem também. Como eu usei o exemplo da pastora. Essa pastora tinha essa dificuldade, porque era mãe-solo. Ela tinha seis filhos, ela tinha uma igreja que tinha três membros, em frente à casa dela. E ela tentava ali desenvolver a congregação dela, as coisas dela, mas a gente via que tinha muita dificuldade. Nem os membros da igreja conseguiam manter aquele espaço e manter ali a família da pastora. Então, com seis filhos, essa pastora, ela passava muita dificuldade. Ela queria mesmo comida, arroz, feijão. E sempre que tinha, a gente passava lá na casa dela, deixava, ajudava. Sempre fizemos a nossa parte. Mas tem bastante gente da igreja que vem, pessoas que moram lá no final do barranco, que têm uma outra realidade. Elas vêm bastante e a gente ajuda. No nosso cadastro de pessoas que a gente faz, nunca tive ideia de perguntar a religião da pessoa. Até para gente ter um estudo e saber como é uma casa religiosa, mas não temos. Há pessoas que a gente identifica, que a gente conhece, tem bastante gente de igreja, mas eu não posso dizer que é a maioria.

Lellis: Essas pessoas que você consegue identificar, que vêm de igreja para pedir algum auxílio, alguma ajuda... e para além dessa questão do alimento... Elas também estão procurando por conta de problemas com a doutrina ou alguma questão de moralidade, mas que o candomblé consegue perceber com mais sensibilidade?

Barbarah: Existe muita procura de pessoas procurando uma resposta, procurando o sagrado. Já joguei para muita gente evangélica. Muitas mulheres evangélicas querem saber e querem coisas até piores. Já fui grossa, porque pessoas saem da igreja e vêm para o candomblé pedindo coisas muito graves. Pessoas com ódio no coração e vingativas. Eu falei: “Minha filha, isso não existe aqui, não. Aqui é uma casa de axé. A gente distribui o amor, distribui as coisas boas. Isso que você está me pedindo, eu acho que você tem que rezar. Pede a Deus para tirar esse ódio do seu coração primeiro. Eu acho que é você que tem de se cuidar, não é você tentar fazer algo para outra pessoa. Cuide-se. Isso é mal para você”. O que ultimamente está tendo muita procura é muito pré-adolescente, sozinho, procurando a casa de axé. Chegou um rapazinho de 13 anos, querendo desenvolver espiritualidade, querendo desenvolver espírito de Exu, de Pombagira. Porque o candomblé, por causa do TikTok, por causa das redes sociais, está virando modinha. Então, eles vão lá e vê o malandro, o Zé Pelintra, e eles querem aquilo pra vida deles... Também crianças que chegam com uma vida conturbada. Às vezes, meninos de 13 anos que já trabalham no tráfico, que trabalham nesse tipo de ambiente. Eles não podem sair daqui sem um bom conselho. Eu preciso dar um bom conselho para ele, tanto para vida dele, quanto espiritualmente falando. O que o espiritual pode fazer na vida dele. Então, eu tento sempre conscientizar e falo: “Olha, meu filho, o espiritual, ele sempre vai querer o melhor para você. Então, se você está no lugar errado, fazendo a coisa errada. Se você quer ter fé no espiritual, saiba de uma coisa. A primeira coisa que ele vai fazer é tirar você do lugar errado. Você está disposto a querer esse espiritual, mesmo que ele tire você de lá de onde você está? De onde você quer estar?” Muitas vezes, eles falam que sim. Aí já é um começo de transformação.

Lellis: Para a gente fechar: triplicou o número de pessoas brancas em religiões afro e aumentou o número de pessoas negras em religiões do segmento evangélico. Como é que você interpreta esse avanço de pessoas

brancas, esse interesse, essa adesão cada vez maior por religiões afro, e pessoas negras cada vez mais interessadas por igrejas evangélicas?

Barbarah: Eu vejo isso de forma bem ampla. Antigamente, as religiões afro eram “uma coisa de comunidade”, vamos dizer assim. Você não achava uma casa de matriz africana em um bairro como Jardim Camburi, mas lá naquele bairro de periferia... onde nem asfalto tem, tem uma casa de matriz africana, tem uma casa de candomblé, de umbanda. As pessoas que frequentam esse ambiente eram pessoas pobres, pessoas na margem da miséria, pessoas de comunidade. O que eu fui percebendo é que com o tempo, pessoas com maior poder aquisitivo, englobando muito essa coisa da pessoa branca, porque a gente sabe que o pobre do Brasil é o povo preto.... Então, tenho observado que as pessoas de classes sociais com poder aquisitivo melhor, elas estão vindo para as casas de matriz africana, eles estão vindo para a religião. O candomblé em si, ele se tornou uma religião até cara. Hoje em dia, se você colocar no lápis, eu acho que o candomblé é uma das religiões mais caras do Brasil. Você não vai fazer uma iniciação para o orixá e gastar mil reais. Você vai gastar 15 mil reais, 10 mil reais para se iniciar, por orixá. Hoje, é isso. Então, aquele pobre da periferia vai ter muito mais trabalho para se iniciar para o orixá. Você vê como as coisas são. A religião se torna cara e isso é um atrativo também, porque as pessoas brancas, na sua maioria, que são as pessoas que estão lá nos lugares da sociedade mais privilegiados, de repente se sentem mais à vontade de estar dentro dessa religião. Eu vejo que essa é uma vertente. Você olha exemplos. Você olha para o cenário de pessoas públicas. A metade dos artistas da Globo é de matriz africana. Você vê como pessoas conhecidas, renomadas, estão dentro da religião. E isso implica também a visão de outras pessoas. A minha atriz favorita está dentro de uma casa de matriz africana, de uma casa de candomblé, é a fé dela. Olha que legal, né? Então, as pessoas começam a ver isso com outros olhos e se chegar. Hoje, você vê casas de candomblé e umbanda luxuosas. Em certos pontos, eu nem concordo muito com esse luxo todo. As pessoas acham que a casa mais luxuosa tem mais prosperidade, que a coisa dá mais certo. E aquela casinha lá que a gente ia de madeira, da umbandazinha, tem menos energia, porque o chão é de barro batido, mas, às vezes, a energia tá lá. Entendeu?

Lellis: Considero que você trouxe elementos importantíssimos aqui, contribuiu demais. Queria saber se você tem alguma coisa mais a considerar, se quer falar mais alguma coisa...

Barbarah: Quando uma casa de matriz africana se abre para ajudar a comunidade, para distribuir cestas básicas, isso diminui um pouco o preconceito das pessoas, de que aquela casa é uma casa que produz o mal, aquela casa invoca o diabo, que eles trabalham com energias do inferno. É mais ou menos isso que as pessoas sempre falaram. Para elas, Exu é o diabo. A igreja prega isso e tem pessoas que acreditam nisso. Então, quando a pessoa vem para a religião, ela entende que o Exu não é o diabo (Imagem 8). Ela entende que o candomblé nem conhece o diabo, porque o diabo é uma figura da Bíblia que o homem branco trouxe para o Brasil. Então, o diabo é uma coisa do catolicismo. Nós nem conhecemos o diabo. Não existe essa figura, esse ser no candomblé. O inferno e o diabo são figuras que nós desconhecemos, mas as pessoas insistem em falar que o Exu é o diabo, que nós fazemos o mal. E, aí, não é isso quando a pessoa vem e descobre. Então, assim, os trabalhos sociais são uma forma de conscientizar as pessoas de que ali não é um lugar ruim, ali é um lugar para todos, todas e todes. Que acolhe a todas as pessoas e que ali é um lugar de fazer o bem e não o mal. Então, eu acho que a gente abordou alguns pontos importantes. Eu acho que isso é importante. Agradeço você ter convidado e no que precisar de nós, estamos à disposição.

Imagem 8: Sessão de louvor a Èṣù



Fonte: Arquivo pessoal (encaminhada por Mãe Barbarah).
(Obs.: a Imagem 1 também retrata a Festa para Èṣù [catiço],
ocorrido no dia 01/03/26)

Lellis: Excelente. Só se você permitir, só mais uma questão. A sua visão depois de ter entrado pro candomblé, ela mudou em relação ao seu sentimento com seu pai? Ela trouxe uma nova percepção?

Barbarah: Quando a gente vem para a terra, para essa terra, a sua vida já é toda traçada. Você vem para cá com destino, você vem para cá com tudo resolvido. O dia que você vai nascer, até o dia que você vai morrer, já está tudo meio que traçado. Então, eu gostaria muito que, hoje o meu pai estivesse vivo, porque eu acho que muita coisa teria mudado. Aquela visão dele, aquele machismo dele, aquele ódio que ele tinha com a figura gay. E eu acho que tinha mudado muito, porque eu acho que se ele olhasse para mim e visse a trajetória que eu tive na minha vida, eu acho que, de repente, ele teria orgulho. Porque eu tive várias oportunidades na vida de estar nos lugares errados, na vida errada, embora ele falava que preferia que eu fosse um assassino e um traficante do que uma pessoa gay. Ele falava isso. Tudo que eu vivi mostraria para ele um outro tipo de universo. Ele faleceu há uns 20 anos. Então, o mundo, hoje, é diferente de 20 anos atrás. Até a visão das pessoas. Eu acho que hoje ele poderia ter uma outra visão. Então eu acho que seria bom eu ver esse homem. Com essa visão. Eu vi um homem com tanto ódio, tanta raiva, tanto machismo e eu acho que seria satisfatório ver um homem que mudou o seu raciocínio, o seu pensamento, a ideologia impregnada que tinha na cabeça. Eu acho que hoje seria diferente, mas eu sempre rezo para que ele tenha paz aonde ele tiver, porque a gente tem rituais de antepassados, que é para dar luz aos nossos antepassados. Ele é o primeiro da lista, eu sempre peço que o plano espiritual lá no além dê para ele luz, caminho, para que essa alma também desenvolva. E se tiver de voltar para a terra, volte feliz, com bom destino, com uma boa nova oportunidade de vida. E é o que eu posso fazer hoje.

Lellis: Muito obrigado.

Nelson LELLIS,

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; pós-doc pelo PPGSP/UENF e professor da Faculdade Unida de Vitória. Áreas de pesquisa: sociologia da religião (religião e política; identitarismo)

Recebido em: 17/11/2025

Aprovado em: 15/03/2026